



## ENTRE “DISSE E NÃO DISSE”: AS PRÁTICAS CULTURAIS NO COTIDIANO DA VILA DO MEIO-DIA

Valtyana Kelly da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

A Vila do Meio-Dia – espaço fictício onde ocorre o desenrolar da peça *Gota D'Água: uma tragédia brasileira* de Chico Buarque e Paulo Pontes – encarna a separação de vários lugares sociais e espaciais, e as diversas temporalidades. Percorrem pelos seus becos inúmeros cidadãos, com identidades distintas, compartilhando entre si a condição de moradores do mesmo conjunto habitacional. Tendo isto em mente, este artigo objetiva analisar as práticas culturais dos indivíduos na vila, ambiente da obra dos dramaturgos, tendo por base a discussão teórica do bairro de Lyon feita por Pierre Mayol, em diálogo com Michel de Certeau, no livro *A Invenção do Cotidiano 2, morar e cozinhar*. Destacando, portanto, comportamentos no falar e agir, valores, conveniência e espaços de sociabilidade masculinos e femininos, entre outras características que revelam na vila um lugar no qual a linha entre o público e o privado é tênue, e que as trajetórias individuais se unem formando um coletivo de experiências múltiplas.

**Palavras-chave:** Vila. Bairro. Práticas Culturais. Cotidiano.

### INTRODUÇÃO

*“Nessa briga, mestre Egeu, se eu ficar  
num canto, retraída, vão falar:  
Coitada! Se esperneio, boto a boca  
no mundo, vão dizer é porra-louca  
Então, já que na hora eu tou sozinha  
mesmo, deixa eu brigar à moda minha (...)”<sup>2</sup>*

Caminhava entre as ruas. Neste silêncio os pensamentos parecem ganhar voz, ecoando pelos becos. Observar o lugar que nascera, se criara, e se formara como gente era algo muito novo. Cada espaço parecia refletir todas as experiências ali vividas, exalando o cheiro de todos que ali viveram, e construíram parte de sua história. No entanto, era tudo abstração. Encontrava-se em um palco, no qual fora encenado uma apresentação que

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande e professora da E.M.E.I.F Fenelon Medeiros – PB. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8047812355787300>. E-mail: [kellykempes@gmail.com](mailto:kellykempes@gmail.com)

<sup>2</sup> Fala de Joana. (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 122)



expressava a realidade daquele indivíduo. A peça era *Gota D'Água: uma tragédia brasileira*, escrita por Chico Buarque e Paulo Pontes; protagonizada por Joana e Jasão, além de personagens coadjuvantes como Egeu, Creonte e Corina. Reflete a face dos inúmeros Jasões, Joanas, Egeus e Creontes que existiram e existem na sociedade brasileira. O sentimento de pertencimento renovava-se dentro de si, sentia-se em casa, sentia saudades.

*Gota D'Água* espelha uma tragédia ambientada em um conjunto habitacional, numa favela do Rio de Janeiro, que recebe o nome de Vila do Meio – propriedade de um notório empresário chamado Creonte. - Neste lugar, ele é o rei. Manda e desmanda. Explora todos os moradores que, por sua vez, vivem à míngua. Diante deste cenário, Joana é uma mulher que trabalha arduamente para sustentar a si, aos filhos e ao marido, Jasão, que é sambista. Partilham desta realidade os demais moradores da vila: Zaíra, Xulé, Estela, Amorim, Maria, Nenê, Boca Pequena, e Cacetão. Um certo dia, uma música de Jasão cai no gosto do povo, e passa a ser tocada incessantemente na rádio; enquanto, esse, arrebatava o coração da filha de Creonte. O que ele faz? Abandona sua esposa e seus filhos para viver a nova vida que brota.

Joana encontra-se numa encruzilhada: desamparada, com dois filhos pequenos, frente a um marido que escolhe ascender à nova classe; cala-se ou grita? Com o nome sendo assunto por toda a vila, alvo de diversos juízos de valores, como agir? Neste panorama, o artigo tem como objetivo tecer considerações acerca da vida cotidiana em uma vila e suas práticas culturais<sup>3</sup>. Os “disse e os não disse” daqueles oriundos da subtração do espaço privado que é carregado para o público, tendo em vista que viver em comunidade é compartilhar suas vivências, mesmo que contra a vontade. De acordo com Pierre Mayol (1996, p. 39), é “[...] uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e repetição.

Este trabalho pretende ainda problematizar os espaços de sociabilidades contidos nesta paisagem do dia a dia, e a quem são reservados; a conveniência que dita os comportamentos dos indivíduos do local, e as simbologias envolvidas no portar-se e no fazer-se enquanto participante da vida comunitária. Conforme ressalta Mayol (1996, p. 50), “o bairro é um universo social que não aprecia muito a transgressão; esta é incompatível com a suposta

---

<sup>3</sup> O conceito de prática cultural é embasado em Pierre Mayol, influenciado pelos pensamentos de Michel de Certeau. Seria, conseqüentemente, uma combinação, mais ou menos coerente e fluida, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos, “ao mesmo tempo, passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discursos. “Prático” vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente.”



transparência da vida cotidiana, com sua imediata legibilidade”. O rompimento de Joana com algumas normas sociais, talvez, tenha-a feito sofrer. Sua tragédia é encarada por aqueles que a cercam, e divide opiniões. Portanto, proponho analisar as minuciosidades de uma obra tão rica em detalhes e que possui personagens que carregam em si múltiplas identidades e temporalidades.

Contemplava aqueles lugares, e reconhecia todos eles. Nesta encenação existem diversos sets: a lavanderia, o botequim, a oficina do Mestre Egeu, a casa de Creonte e a moradia de Joana. Revelam, em si, a peculiaridade de cada ambiente e a representação que este tem para cada indivíduo que compõe aquele núcleo. O ato inicia-se com as vizinhas, na lavanderia, perguntando, a meia boca e com tom baixo, como está Joana – esta, já sofrera as adversidades da vida. Os códigos de cortesia, ao mesmo tempo, fazem com que elas saúdem e peça notícias daquela que padece, tal como as impedem de falar em voz alta, haja vista o ocorrido, que aquebrantara com as condutas sociais pré-estabelecidas culturalmente. Um homem pode largar seus filhos e esposa a mercê da pobreza? Poderia uma mulher casar-se com um homem mais jovem, ou vice-versa? Permitia-se que alguém transpusesse os limites impostos pela classe, e pudesse ascender economicamente? Pierre Mayol (1996) acredita que

A organização da vida cotidiana se articula ao menos segundo dois registros: 1. *Os comportamentos*, cujo sistema se torna visível no espaço social da rua e que traduz pelo vestuário, pela aplicação mais ou menos estrita de códigos de cortesia (saudações, palavras “amistosas”, pedidos de “notícias”), o ritmo do andar, o modo como se evita ou ao contrário se valoriza este ou aquele espaço público. 2. Os benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de se “portar” no espaço do bairro: o bom comportamento “compensa”, mas o que traz de bom? [...] O bairro aparece assim como um lugar onde se manifesta um “engajamento” social [...]. (MAYOL, 1996, p. 38/39).

Este mesmo engajamento divide a opinião dos moradores da Vila do Meio Dia perante o acontecido. A favela alterava os gestos rotineiros em práxis ritualizadas: falava-se à meia-voz, respondiam cochichando, em seu universo fechado dentro de si. Quem assentia com a dor de Joana? Quem entendia as pretensões futuras de Jasão? Os próprios pontos de vista diferenciados demarcavam lugares sociais distintos para homens e mulheres<sup>4</sup>. O sentimento de pertença às categorias conflituosas gerou hostilidades entre as alas. O conjunto

---

<sup>4</sup> Para a discussão de gênero tenho como base a historiadora americana Joan Scott (1995) Pensando que o gênero fornece meios de decodificar o significado e de compreender as complexas entre as várias formas de interação humana. De acordo com a autora, quando o historiador busca encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, ele começa a entender a natureza recíproca do gênero e da sociedade, as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. Ressaltando que o conceito passou a ser estudado com mais afinco a partir da década de 70, mesmo período de escrita da obra.



habitacional, tal como o bairro, inscreve-se na história dos sujeitos como símbolo de pertencimento indestrutível, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública, além de ser um objeto de conhecimento e reconhecimento.

## **METODOLOGIA**

Na problematização da fonte, e na incessante análise em busca das respostas aos questionamentos elencados na introdução, faço o uso do conceito de representação social para a análise metodológica do meu objeto, para compreender os diferentes aspectos dado à vila por Chico Buarque e Paulo Pontes. Pensar o lugar como encontro de diferentes práticas culturais, sociais, políticas e, principalmente, encontro de distintas experiências. O conceito de representação, embasado em Roger Chartier (1989), corresponde ao sentido dado ao mundo, neste caso, locais específicos, pelos dramaturgos. Não há uma dissociação da realidade e da representação, ambas ganham vidas no palco, haja vista serem as representações frutos de uma visão de mundo, dos acontecimentos históricos, do presente de quem escreve. Cada set desempenha uma função teatral, e, principalmente, social. Dá significância a espaços.

Destarte, as representações sociais estão enraizadas na realidade social e histórica, ao mesmo tempo que contribuem para sua construção. Assume, destarte, a forma de um olhar no qual o dramaturgo dá sentido e constrói o mundo que é dele. Os personagens que encenam são os mesmos oriundos do mais íntimo do poeta, são os seus anseios e realidade, são os poderes e circunstâncias, ali representados. O texto não existe em si, separado de toda materialidade. Além disto, Pesavento acredita que é imprescindível

(...) entender e explicar como os homens de uma outra época davam sentido ao mundo, como se relacionavam com os seus semelhantes e como pensavam a si próprios; descobrir as razões e os sentimentos que mobilizaram um outro tempo e que foram responsáveis por suas práticas sociais; compor tramas, surpreender enredos, supor desfechos de situações outras, distantes no tempo, e, por vezes, aparentemente incompreensíveis... Não serão essas, a rigor, as metas de todo aquele que busca tornar-se um historiador? (PESAVENTO, 2008, p. 11).

Além disto, creio que o real antecede qualquer pensamento humano, ou seja, o mundo já existia antes de qualquer texto ser escrito, todavia, o pensamento também configura o real. Portanto, a Vila do Meio Dia por mais que seja um espaço construído no âmbito teatral, isso não significa que sua fabricação não dialogue com a realidade que circunda a prática de escrita dos dramaturgos. Não estou sugerindo que de um lado está a representação e de outro o real formando uma dicotomia que obrigue o leitor a escolher, ou ficar com a representação



ou com o real. Assim sendo, talvez possamos pensar a *representação* como uma dimensão do real, devemos compreender a representação em torno de questões que envolve o poder e a linguagem, ou seja, elas devem ser pensadas em paralelo com as práticas sociais e culturais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No primórdio do enredo e das narrativas acerca de Joana, Corina nega participar das fofocas: “Se vem com mais besteira/daquele homem, nem quero escutar/Já chega de nhenhém, blablablá,/disse-me-disse, diz-que-diz, zoeira.” (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 27). Todavia, no decorrer das falas das demais vizinhas, rende-se aos boatos e a tagarelice. Em outras passagens é perceptível a resistência, em alguns momentos, de tecer comentário sobre alheios, mas, de acordo com Mayol (1996, p. 41), “a conveniência tende sempre a elucidar os bolsões noturnos do bairro, o incansável trabalho de curiosidade que, como um inseto de imensas antenas, explora com paciência todos os cantinhos do espaço público”. Fazendo com que os habitantes se sintam no direito de sondar os comportamentos, interpretar os acontecimentos e produzir, sem findar, um rumor irreprimível. Na Vila do Meio-Dia a curiosidade é necessária para sua pulsação interior e para o cotidiano.

E os alvos desta curiosidade? Joana pena diante da perspectiva de: “Daqui a pouco toda vila está rindo/ de mim, ele feliz e eu nesse estado”. (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 73). E as vizinhas reconhecem: “Ela só fala nisso: vão gozar/da cara dela”. (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 73). A personagem principal martiriza-se, atestando que é comum ouvir, nas práticas cotidianas do bairro: “O que é que vão pensar de mim?” ou então: “O que é que os vizinhos vão dizer”. (MAYOL, 1996, p. 50). No cerne da conveniência ao mesmo tempo que há benefícios, é preciso, também, obter comportamentos práticos, parâmetros impostos pelo espaço, que ajustem o usuário a um processo coletivo de reconhecimento. A transgressão, como citado acima, não é vista com bons olhos pelas sentinelas dos costumes. Deste modo, embora não sendo sua escolha, a história de Joana é transgressão.

No rito do bairro, neste caso em particular da favela, a conveniência adquire características, a exemplo de:

ela reprime o que “não convém”, o “que não se faz”; ela mantém a distância, filtrando-os ou banindo-os, os sinais de comportamentos ilegíveis no bairro, intoleráveis para ele, destruidores por exemplo da reputação pessoal do usuário. [...] eixo organizador de juízos de valor: a “qualidade” da relação humana tal como ela se desenvolve nesse instrumento de verificação social que é a vizinhança social de um “saber viver com”. (MAYOL, 1996, p. 49).



Nas fronteiras impostas pelos lugares sociais, as opiniões dos homens e mulheres dividem-se. Essas, em uníssono, comungam com a dor de Joana e abominam as atitudes de Jasão; enquanto que os primeiros, em um bar, comemoram a melhoria das condições econômicas de um companheiro. As vizinhas compartilham com a protagonista a mesma categoria social, logo, transportam para si a dor de algo que poderia ser com qualquer uma delas. Elas correm o risco de serem abandonadas pelos maridos em face de uma oportunidade de promoção, com inúmeros filhos, vivendo miseravelmente. E isto é confirmado nas falas dos homens ao saberem das bodas de Jasão: “Tirar/os pés da lama, ele está certo, já tirou/ É moço, tem que aproveitar a ocasião/Se não, fica afundando aqui o resto da vida/Quem nasce nesta vila não tem mais saída/tá condenado a só sair no rabeção/ ou no camburão”. (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 41).

Entretanto, por mais que partilhem os sentimentos de Joana, na conveniência, sondar e indagar sobre a vida dos que estão próximos é corriqueiro. Conseqüentemente, diversos levantamentos para tentar compreender as razões que impelem ao fato, fazem com que os residentes corroborem determinadas práticas comportamentais que devem ser seguidas. Primeiramente, o lugar social de mãe e esposa dado às mulheres é inquestionável – por mais que o cotidiano na favela corresponda à união do público e ao privado; nas questões de gênero, ao homem é reservado o público, o espaço fora da favela, e à mulher a casa, o privado. A posteriori, por seu turno, o obstáculo, para muitos, da idade é colocado em pauta. Nas regras de convivências, uma mulher casar-se com um rapaz quatorze anos mais jovem?

Nenê configura a mulher que se mostra, no decorrer de toda a peça, contrária ao casamento entre pessoas com idades tão distintas:

Nenê: Eu nunca fui mulher de meter o bedelho,/mas mulher como Joana não/ tem que juntar com homem mais novo. O velho/marido dela, manso, homem de bem,/com salário fixo e um Simca Chambord/ dava a ela do bom e do melhor/e foi largar o velho. Por quê?/Por esse frango. Também, quem mandou? [...] é a lei da natureza. (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 31)

As vizinhas averiguavam as razões para os infortúnios de Joana. Por mais que amparassem e auxiliassem – neste caso, é necessário demonstrar que aquelas ajudavam a protagonista desde o plano material, como na alimentação e cuidados dos filhos, tal como na limpeza da casa; até o plano emocional, com palavras motivadoras e que lhe mostravam uma luz no fim do túnel, uma saída neste labirinto de problemas –, reverberavam a condição limitada para o feminino, oriunda de práticas culturais do espaço que residem. Ao transgredir uma conduta prescrita, era esperado que algo pudesse acontecer. Tanto que, quando questionado pela ex-esposa, Jasão tenta justificar-se através da idade: cedo ou tarde iriam



separar-se, quanto mais o tempo passava mais o fim estava próximo; ele não deveria envelhecer devido a velhice dela; agora, ela deveria procurar alguém de sua idade.

“O bairro é o espaço tradicional da diferença de idades. Cada parceiro desempenha o papel previsto pela sua definição sexual nos limites que a conveniência lhe impõe” (MAYOL, 1996, p.57). Logo, é inconveniente uma mulher mais velha relacionar-se com alguém mais jovem. Além disto, Mestre Egeu por ser, na tragédia, o personagem mais velho e experiente – sendo destacado o fato de ter participado de movimentos grevistas em prol da melhoria de vida dos trabalhadores –, desempenha a função de conselheiro dos demais moradores. Xulé, Jasão e Amorim buscam orientações com o mestre, sobretudo, como ouvido para as lamúrias que a classe vive. Pessoas que não conseguem sobreviver com o pouco que ganham, endividando-se cada vez mais.

Egeu representa aquele que tem conhecimento, por ter sido militante, e aquele que é privilegiado, por ser dono da sua terra. Este pode falar o que pensa: “já que é dono de teto e chão/Dono do seu nariz, não tem nada a perder” (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 33). Na Vila do Meio-Dia é inconveniente falar do proprietário do espaço, por isso as reclamações são feitas às escondidas. Egeu não incita que todos deixem de pagar os altos juros diretamente, ele vai deixando-se compreender aos poucos e dando ideias sem muito falar. E como a transgressão, citado acima, não é bem-vista no bairro, no fim... os moradores iludem-se com propostas feitas por Creonte – traição de Jasão que se converte cada vez mais a outra classe, e conhece sua antiga vida e sabe como ludibriar gente da sua gente – e postam Egeu de lado, não dando ouvidos para seus apontamentos. É mais prudente silenciar-se.

Calar-se? Joana, rompe novamente com as normas, e grita às ruas, xinga Jasão, sua noiva e Creonte; Egeu, sábio, recomenda que não tenha essas atitudes. Deve guardar a dor e o rancor, se não, perde o apoio dos residentes da favela. Estes reconhecem a sua dor, todavia, a vida não para, e ela deve seguir em frente. Mayol destaca que,

Aderir a um sistema de valores e comportamentos que força qualquer um a se conservar por trás de uma máscara para sair-se bem no seu papel. [...] é um quadro-negro onde se escrevem – e, portanto se fazem legíveis – o respeito aos códigos ou ao contrário o desvio com relação ao sistema dos comportamentos. [...] O corpo, na rua, vem sempre acompanhado de uma ciência da representação do corpo cujo código é mais ou menos, mas suficientemente, conhecido por todos os usuários e eu designaria pela palavra que lhe parece mais adequada: a conveniência. [...] a maneira de apresentar-se nas diversas instâncias do bairro (fazer fila para as compras na mercearia, falar alto ou baixo, anular-se ou não diante de outros parceiros segundo o grau hipoteticamente hierárquico que os usuários acreditam dever manter nesta ou naquela circunstância). (MAYOL, 1996, p. 48).

Joana não aceita máscaras. Hierarquicamente não pode ofender ao rei Creonte, entretanto, não consegue entender por que este pode causar-lhe tantos danos. Pouco tem, e



este pouco lhe é arrancado por quem tudo pode possuir. Por que não pode gritar suas lamentações? Suas palavras tocam numa ferida que é a realidade daqueles que se encontram na mesma classe social, estão sujeitos a exploração física e emocional dos ricos. Joana começa a descarregar todos os fardos que levou durante toda a vida: não aguenta mais ser mãe, mulher e pobre. Teria como ser pior? Sim, é abandonada por aquele que doou todos os esforços. Deixa de lado códigos de conduta: “pra não ser trapo nem lixo,/nem sobra, objeto, nada,/ eu prefiro ser um bicho,/ser esta besta danada/ Me arrasto, berro, me xingo/ me mordo, babo, me mato [...]” (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 63).

O conjunto habitacional é um palco diurno, não apenas no sentido restrito de que é uma encenação, e sim de que, além do contexto da tragédia *Gota D'água*, existem inúmeros outros espaços “reais” no qual cada indivíduo é identificado em papéis que a conveniência lhe atribui. Cacetão é um gigolô que vive em bares, por isso não é levado muito a sério. Sendo a transgressão personificada, é o único homem do set do botequim que desaprova os feitos de Jasão – Egeu não participa desse set, e por representar a sabedoria, obviamente, não coaduna com as atitudes de Jasão. O mal caráter da favela, no entanto, é aquele que cumpre com as obrigações, que se compromete com os códigos de ética de não largar aquela que o alimenta. Adverte que Jasão não pensou nos filhos. Além disto, no fim, é o único que apoia Egeu, reclama que todos o deixaram falando sozinho devido às promessas de Creonte.

O corpo detém muita simbologia no bairro. O corpo é, portanto, portador de uma procura que uma censura faz conter-se dentro da ordem da conveniência, impondo-lhe controles que a protegem contra ela mesma e a fazem, assim, apresentável no espaço social. (MAYOL, 1996, p. 54). Cacetão, como o próprio nome testemunha, representa o corpo que envergonha aos demais moradores. Conversas de bar são aceitas, risadas compartilhadas, contudo, o fato de aceitar dinheiro para relacionar-se com mulheres é motivo de repulsa. Ele não pode opinar uma vez que é gigolô. Joana na discussão com Jasão declara: “Pra mim, Cacetão, que ao menos não nega,/tem muito mais valor... (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 91). Ser comparado a Cacetão? É uma ofensa das maiores. Casar com Alma que lhe dará tudo novo: status, casa, boa vida, e um patrimônio imenso... não é ser gigolô.

Em quase todas as falas de Cacetão o teor sexual está embutido. Seja diretamente, o que representa a inconveniência, ou indiretamente, por meio de frases com sentido dúbio. O corpo efetiva como um indivíduo será inserido em um espaço. Cacetão possui uma identidade fixa e engessada pelos vizinhos devido a sua condição de gigolô. No entanto, quando o sujeito passa por inúmeras transformações sociais, políticas, culturais, econômicas e, principalmente,



psicológicas, suas identidades pessoais são abaladas. O “eu” fragmenta-se, e o personagem Cacetão demonstra que é mais do que um vendedor do corpo. Diverge dos demais homens ao ser contrário a Jasão, compadece das dores da protagonista, corrobora a condição de explorados dos moradores, e, no fim, mesmo bêbado, faz juras de amor a Joana e diz que lhe ajuda a começar uma nova vida.

Portanto,

O corpo bem o sabe: lê no corpo dos outros os discretos sinais da exasperação, quando o pedido excede em demasia o previsível inscrito no costume, a indiferença progressiva, ao contrário, quando ele se coloca por muito tempo aquém. O corpo é na verdade uma memória sábia que registra sinais de reconhecimento: ele manifesta, pelo jogo das atitudes de que dispõe, a efetividade da inserção no bairro, a técnica aprofundada de um saber-fazer que sinaliza a apropriação do espaço. (MAYOL, 1996, p. 55).

Além do mais, os corpos possuem locais adequados para si. O botequim do galego é um set próprio para homens, enquanto que quase todos os encontros das mulheres – exceto quando visitam a amiga em sua casa – acontecem na lavanderia do conjunto habitacional. O botequim tem a função de uma “casa dos homens” das sociedades tradicionais, e a lavadeira a “casa das mulheres”, seu lugar de exercício, notícias, conversas<sup>5</sup> e etc. Tornando-se o espaço como definição de “uma organização coletiva de trajetórias individuais: com eles ficam postos à disposição dos seus usuários 'lugares' na proximidade dos quais estes se encontram necessariamente para atender as necessidades cotidianas” (BUARQUE & PONTES, 1998, p. 46). Os dois grupos pouco se encontram, visto que suas trajetórias e percursos são díspares e que as convenções sociais fazem com que não compartilhem entre si os mesmos ambientes.

Durante toda a tragédia é explícito como as pessoas são indiferentes ao que Cacetão fala, muitas vezes não lhe respondendo, ou não levando na seriedade o que diz. A sua linguagem extremamente erotizada, em torno do sexo, faz com que fuja do convencional, diferente dos demais que sempre utilizam a voz baixa, sorrisos, com duplo sentido e de forma sutil. A questão da sexualidade pública é interdita, ainda consiste em algo que deva permanecer no privado. Interessante que as brincadeiras eróticas têm majoritariamente o grupo feminino como alvo, revelando, sinal sociológico, o “direito de ser 'inconveniente' segundo o consenso que fundamenta, em um bairro, a distribuição dos papéis sociais”

---

<sup>5</sup> Intrigante que Mayol (1996) ao falar sobre o bairro Lyon em Paris, descreve sobre o “bar do bairro” como “a casa dos homens” e o mercado como “a casa das mulheres” - serviu, inclusive, de base para esta minha análise. Na Vila do Meio Dia é diferente as mulheres se encontram na lavanderia, pois para um grupo que mal tem como pagar sua moradia, quiçá alimentar-se, ir ao mercado não é prática cotidiana.



(MAYOL, 1996, p. 65). Esses detalhes reais ganham novo colorido num tom de linguagem que encontra suas raízes no falar popular.

Na Vila do Meio-Dia constata-se pontos positivos e negativos da vida una que o espaço proporciona. Ao mesmo tempo em que há amparos à protagonista, tal como união das vizinhas ao dividirem as tarefas para ajudar a companheira; estas mesmas tagarelam sobre sua vida sem pretensões de acrescentar algo de melhoria para a mulher, e, no fim, prevalece o desejo de se beneficiar. Haja vista aceitam trabalhar no casamento de Jasão e Alma. Nenê acredita que não deve ficar sem trabalho porque Jasão e Joana brigaram - “esta aparente mesquinha com ares de 'cada um por si' é uma maneira de que se serve o grupo para preservar sua unidade anulando sempre de novo as dívidas recíprocas de cada parceiro. (MAYOL, 1996, p. 163). O desfecho da peça é muito interessante, tendo em vista que prevalece o poderio de Creonte, enquanto Egeu é silenciado; os moradores continuam iludidos pensando que há uma vida melhor; e as amigas da mulher abandonada vestem e fazem os doces do casamento de sua rival, Alma.

Portanto o que seria o bairro? Este terreno simbólico imbuído de regras culturais, com regulações internas dos comportamentos provenientes de heranças afetivas, políticas e econômicas. Mayol (1996, p. 41) cita uma ideia de Henri Lefebvre: “uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado”. A Vila do Meio-Dia representa a privatização progressiva do lugar público. No entrar e sair cotidiano, quantificações e qualificações são feitas do ambiente, das pessoas, das condições, das práticas, e dos pensamentos. A favela corresponde a movimento, e, por isso, a utilização de diversos sets ao mesmo tempo, várias falas de diferentes categorias, reflete a dinâmica existente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto habitacional, portanto, revela-se como o encontro com o diferente e as relações com o outro; por mais que uma prática cultural prevaleça, não significa a anulação das particularidades, ou que as demais formas de ver o mundo acabem e se perca. Os contatos constantes e a coexistência fazem com que haja a troca de saberes, de hábitos e costumes, e que as práticas se misturem, tornando-se híbridas. Assim, o bairro é um lugar híbrido<sup>6</sup>. Observando as conjunturas complexas que o constroem, compreende-se a existência de diversas temporalidades e mentalidades históricas no mesmo espaço. Deveras, adicionando, a

---

<sup>6</sup> Conceito trabalhado minuciosamente no livro *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, de Néstor Canclini.



expansão urbana – ampliando as divisões espaciais entre as classes sociais – e os papéis designados às diferentes categorias foram estimulantes para a intensificação da hibridação cultural. Torna-se um labirinto de vivências e experiências.

É um lugar de passagem pelo outro e por si. São identidades construídas por um espaço que se transmutam em concomitância com este. Deixa-se o barulho surdo e anônimo da cidade grande, Rio de Janeiro, para penetrar em uma densidade social mais fechada e própria, que reflete o seu cotidiano. Como coloca Certeau (1995, p. 46) ao falar sobre cidades, “uma linguagem mural com repertório das suas felicidades próximas”. Não só felicidades, mas também tristezas, daqueles que compartilham entre si o fato concreto de habitarem nas mesmas mediações. Tal como no bairro, a Vila do Meio-Dia possui uma linguagem que aproxima os habitantes e uma multiplicidade de sistemas que fogem do engessamento tão arraigado em algumas perspectivas de análise social. Os moradores encarnam multi-temporalidades, tais como Egeu que vive com um pé na época que participava da militância grevista, e outro pé na sua realidade pacata na vila; ou Joana que vive entre o limiar do bem-amada à abandonada.

## REFERÊNCIAS

### FONTE

BUARQUE, Chico. PONTES, Paulo. *Gota D'água: uma tragédia brasileira*. Inspirado em concepção de Oduvaldo Vianna Filho. 29ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

### BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Annales*. Paris, nº 6, p. 1505 – 1520, novembro, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránsky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 18ª Edição. Tradução de Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*/ Néstor García Canclini. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. (Ensaio Latino-americanos, 1).



MAYOL, Pierre. Primeira parte: Morar. In. \_\_\_\_\_ org. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 35 – 185.

PESAVENTO, S. J.; SANTOS, Nádia Maria. W.; ROSSINI, Miriam de S. (orgs.) *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008.

SANTOS, Dominique V. C. dos. Acerca do conceito de representação. *Revista de Teoria da História*. Ano 3, Número 6, dez, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, pp. 71 – 99